



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR—**JOAQUIM CARDOSO**

Redacção e administração: Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa—PORTUGAL
End. tel. T. 110—Lisboa—Lisboa—Lisboa
Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A guerra social A LUTA NA ÁSIA CAUCÁSSICA

II

É principalmente na Ásia Caucásica e na Ásia Menor que o urso e a baleia se batem. E sempre assim foi no decorrer da história. A Grã-Bretanha bate-se por «intermediários», isto é, por meio de «mercenários», impelindo os governos aliados a enviarem as suas tropas; serve-se agora da França e da Grécia, isto a recusa nitidamente feita pelo governo italiano, o qual não desconhecia que o povo italiano se não encontrava disposto a seguir a política do rato da fábula, tirando as castanhas do fogo para que o gato as comesse.

A Ásia Caucásica é o terreno principal da luta, por ali existir o petróleo e os mais diversos e úteis minerais, e também ao Sudoeste, a região compreendida entre os rios Tigre e Eufrates, região que, irrigada, dará as mais ricas colheitas do mundo em cereais, algodão, tâmaras, etc., riquezas estas tam cubadas pelo capitalismo britânico e que constituem o despójo guerreiro do qual se julga com direito a apossar-se, em detrimento da sua antiga aliada, a Rússia esgotada, e da sua antiga inimiga, a Turquia vencida.

Pode-se dizer que, encarada sob um certo aspecto, a política britânica externa é simplesmente uma política pela posse do petróleo. O capitalismo inglês, eminentemente industrial, compreende que o futuro dos transportes pertencerá aos automóveis, aos aviões e talvez aos submarinos, cujos motores só poderão ser alimentados ou pelo petróleo ou por quaisquer outros combustíveis leves. Durante o século XIX e durante a guerra mundial constatou quanto a posse da hulha o tornou poderoso (Vejam-se as minhas *Litões da Guerra Mundial*). Agora pretende possuir o combustível líquido, de forma a manter a sua supremacia mundial, ameaçada pelo capitalismo americano e, para isto, necessita, a todo o custo, dos terrenos petrolíferos da Turquia da Ásia, da Pérsia e do Caucaso.

E isto mostra-nos claramente as causas originárias do tratado anglo-persa, que selou a sujeição da Pérsia à Grã-Bretanha. A independência da Pérsia, a subsistir o tratado, seria uma coisa do passado e o governo persa tam bem o compreendeu que apesar de terem passado vários meses sobre a sua assinatura, ainda o não apresentou à ratificação do parlamento.

Mas se Lloyd George e lord Curzon—mandatários do capitalismo britânico—teem uma política de petróleo, também Lênine a tem, e esta política é-lhe imposta por circunstâncias, pósto que diferentes das que se impõem ao capitalismo britânico. Na Rússia da ante-guerra, uma parte das indústrias da região do Volga só se alimentava do petróleo de Bakou. A maioria das locomotivas eram aquecidas a petróleo. E, portanto, o petróleo o combustível industrial de vastas regiões russas, pósto que a hulha é de mais difícil extração e transporte. A Rússia Soviética, esfomeada, tem sobretudo uma fome particular pelo combustível líquido.

A baleia e o urso querem Bakou. Para se apoderarem, e, sobretudo, para a guardarem, os acontecimentos apresentam-se vantajosamente para o urso russo, que se ergue como o adversário irreduzível da hegemonia inglesa, cujo avanço é levado a efeito como libertador do jugo inglês. Por isso, encontra simplicitas nas massas populares dos países que se querem libertar. Os povos do Azerbeidjan, russo e persa estão com Lênine contra Lloyd George. Os povos da Pérsia e da Geórgia—pósto que anti-bolchevistas—estão com ele contra Lord Curzon. O mesmo se dá com os turcos, os kurdos, os árabes, incluídos os de Hedjaz, que a política britânica suscitou durante a guerra mundial. Combatendo a Grã-Bretanha na Ásia caucásica, Lênine tem em mira um fim económico: a conquista do petróleo, e um fim político: a conquista do caminho para a Índia, seguindo o itinerário de Alexandre o Grande, e que Napoleão I pretendeu também seguir, e o dos caminhos para o Mediterrâneo e para o Egipto. Mas, Lênine não pretende levar a efeito estas conquistas subjugando os povos cujos territórios atravessa, mas sim libertando-os, desta forma transformando-se no propagador do nacionalismo, no mais sólido sustentáculo do nacionalismo persa e turco.

Na Ásia os seus fins políticos predominam sobre os seus objectivos sociais, a propagação do comunismo. Foi a pressão das circunstâncias que o forçou a tomar esta resolução, o que nos leva a verificar um dos mais interessantes fenómenos sociológicos, cuja significação é esta: na evolução humana, a forma política da nação livre tem que preceder o estabelecimento do comunismo e que esta forma económica só pode existir nos países desenvolvidos industrialmente e politicamente livres, porque, não sendo assim, os homens serão inevitavelmente levados a uma maior subordinação, cujo exemplo se pode encontrar no comunismo dos jesuitas do Paraguai ou dos incas do Perú.

A guerra social reveste, portanto, na Ásia Menor e Caucásica o aspecto duma guerra de nações, porque os povos desta região ainda não puderam constituir nações livres e porque se encontram num estado político menos avançado que os povos do Oriente europeu e sobretudo os do Ocidente, onde a guerra social existe em toda a sua pureza. Por vezes, esta guerra de nações reveste a forma de guerra religiosa, pelo motivo já apontado de atrazo da evolução dos povos.

A República russa dos Sovietes reconquistou Bakou, e até ameaça Mossoul, o antigo país de Ninive, porque ocupa Enzeli, o pósto do Azerbeidjan persa no mar Caspio. O petróleo do Caucaso vai seguir, portanto, a direcção do Norte para ir alimentar as oficinas e os caminhos de ferro russos. O famoso «pipe line» que termina em Batoum, ocupado pelos ingleses, vai ficar vazio! O grande banco internacional Rotschild & Irmãos vai ver diminuir os seus lucros, porque com certeza Lênine não sentirá a necessidade de pagar aos concessionários europeus dos poços de petróleo as dezenas de milhões que estes sacavam do consumidor europeu e dos trabalhadores tártaros. Os poços de petróleo de Bakou estão em plena exploração, mas os da região de Mossoul estão por explorar. O país é rico em óleos, e o seu solo, em muitos pontos, está deles saturado. E eis a República Russa dos Sovietes ameaçando Mossoul! Abominação das abominações! clamam os capitalistas ingleses. Mossoul está nos confins do Nordeste da Mesopotâmia! A região entre o Tigre e os Eufrates acha-se ameaçada! Devesse confessar que o golpe é bem dirigido, sobretudo porque as populações destas regiões teem sido trabalhadas por uma activa propaganda nacionalista azerbéidjana, persa, turca ou árabe, conforme os lugares, e para se libertarem pedem a intervenção dos republicanos russos. Por isso em qualquer parte em que estes se apresentam encontram populações que lhes abrem os braços, que os ajudam a expulsar o estrangeiro britânico ou o seu «fidei comis», o francês ou o grego.

Os exércitos da República russa dos Sovietes estão no território persa, assim como alguns corpos de tropas do império britânico, e entretanto a Pérsia não está em guerra nem como uma nem com o outro. É verdade que, oficialmente, o império britânico não está em guerra com a República dos Sovietes, mas também não está em paz com ela. O império britânico ignora-a, apesar de manter conversações com os seus delegados oficiais em Copenhague e em Londres. Que farça! Que ficção infantil para regozijo da alma senil dos diplomatas!

Também, na Pérsia, Lênine conversa, e o objecto das suas conversações é evidente que tem por fim a ruptura do tratado persa-britânico. Lênine não pretende conquistar a Pérsia pelas armas, mas quer-a impedir de gravitar na órbita britânica, e triunfará, como triunfou com a República da Geórgia. Com efeito, a paz acaba de ser firmada entre estas duas repúblicas, guardando cada uma a sua independência e comprometendo-se mutuamente a não intervirem na respectiva política interna.

Os georgianos, pósto que anti-bolchevistas, consideram-se felizes em terem assinado a paz com os bolchevistas russos, porque se libertaram, mais ou menos completamente, do jugo britânico, cuja vassalagem lhes repugnava. Em Abril de 1919, encontrei-me com os srs. Tchaidze e Tsereteli e aconselhei-os a obterem a ajuda pecuniária e o reconhecimento oficial tam necessário para a sua República e que oferecessem concessões mineiras a grupos de capitalistas britânicos.

SENHORIOS GANANCIOSOS INQUILINATO INDIFERENTE

Não basta acusar os proprietários
Os trabalhadores são responsáveis

A população pobre da cidade que não correspondeu, como devia, ao movimento esboçado contra a ganância dos senhorios, deve já ter compreendido, sem dúvida, os deploráveis efeitos que lhe resultaram do seu desinteresse.

Encerrando-se num individualismo estúpido e inconsciente ou entregando-se a um relaxamento desolador, que deixa sempre para o dia seguinte a resolução dos problemas mais instantes da sua vida, os habitantes pobres da cidade não souberam ou não quiseram congregarem-se num movimento colectivo, tentando um esforço ordenado e enérgico de molde a que demonstrassem aos senhorios e aos políticos, que os protegem e defendem, que não estavam dispostos a permitir que continuasse a exercer-se a infame espolição que há muito veem sofrendo.

Mas a sua imperdoável atitude, filha da ignorância, da indeferença e quicá da cobardia, entregou-os sem defesa nas mãos brutais dos proprietários, que são uns verdadeiros vampiros, e que compreenderam, sem dificuldade, que podiam continuar impunemente a sugar os seus inquilinos, que eles perceberam incapazes de oferecer e menos de organizar uma séria resistência.

Assim, as infâmias praticadas pelos senhorios teem vindo acumulando-se, com uma desvergonhada e uma violência inauditas, recorrendo-se aos meios mais pífios e repugnantes para pôr na rua os inquilinos.

Quero servindo-se das saídas falsas da lei de pretendida protecção de inquilinato, quer mandando arrancar portas e caixilhos e destellar os prédios, os proprietários teem conseguido os seus maléficos e gananciosos fins, no que teem sido auxiliados—é preciso que o digamos—não só pelos politécnicos, mas também por indivíduos pertencentes às classes trabalhadoras, que não teem tido pejo do se prestar à execução dessas vilanias, pois que não são os senhorios que tiram as portas, os caixilhos e as telhas das casas.

A classe operária organizada deve tomar nota desses traidores à causa popular, e escoreará-os como elementos perniciosos que são.

Todas estas baixezas, que vemos cometidas com a cumplicidade de tantos e tantos indivíduos pertencentes à classe explorada, o que nos demonstra a grande inconsciência que lava ainda entre o povo, são daquelas que mais indignam, porque além de violentas, elas são vexatórias e representam um escarro de desafio lançado às faces do inquilinato pobre, que adormeceu, confiado na protecção das leis, como se já não fosse tempo de saber quanto valem as leis, que são sempre promulgadas com a anuência dos poderosos.

Quando, por desdouro, surge uma lei que ao de leve vai beliscar os interesses dos ricos, logo estes se manifestam, e se a coisa vai por diante, é só depois de

cos, devendo, bem entendido, todas estas concessões ser feitas com diversas reservas concernentes às condições de trabalho, propriedade e duração. Aconselhei-os por esta forma porque sabia que neste momento o árbitro da política mundial era o capitalismo britânico. Os srs. Tchaidze e Tsereteli opuseram-se, bem como todos os georgianos. Ninguém gosta de restringir voluntariamente a sua independência, o que só se faz quando não pode ser doutra forma, e era o que se dava neste caso, por isso se viram forçados a aceitar a soberania oculta da Grã-Bretanha, e os aliados reconheceram então oficialmente a sua República, entregando-lhes os produtos industriais e o crédito que necessitavam.

As vitórias da República russa dos Sovietes sobre os exércitos dos emigrados reaccionários; a penetração dos exércitos desta República no Azerbeidjan modificaram este estado de coisas. A República dos Sovietes tem, como o império britânico, necessidade da neutralidade ou da aliança dos georgianos, dando-se, portanto, o caso, destes, visto serem solicitados pelos dois adversários, deixarem de ser vassallos dum e retomarem a sua inteira independência, a qual Lênine nenhum interesse tem em atingir, colocando Lord Curzon na impossibilidade de manter a sua suserania. Eis, portanto, os georgianos fora da órbita britânica. Se, conforme todas as probabilidades, os sucessos russos se mantiverem, a República georgiana ficará plenamente independente e, pouco a pouco, sob a pressão das circunstâncias, formará com as repúblicas vizinhas e com a República russa dos Sovietes uma grande Federação livre.

Paris, Junho de 1920.

modificada de modo que lhes permita descarregar sobre o povo todo o peso que a lei consigna para aqueles. Os ricos nunca veem diminuídos por essa forma nem o seu predomínio nem o seu bem-estar.

E enquanto a maioria das vítimas da sua cupidês se limita a protestos platónicos, o—o que é mais repugnante—algumas delas continuam impunes usando das suas habilidades, filhas duma grande ausência de escrúpulos, para conseguirem que os senhorios lhes aluguem as casas de que necessitam, oferecendo-lhes maior renda e praticando outras torpezas, concorrendo directa ou indirectamente para desalojar outras criaturas por igual vítimas da ganância dos proprietários, estes podem dormir sossegados ou continuar a procurar novos e melhores processos de arrancar a pele aos inquilinos, porque estes, pela sua falta de energia e de entendimento entre si, serão os seus mais seguros auxiliares.

Mas o que não sofre dúvida, uma coisa com que é preciso contar, é que os motivos de desespero ir-se-ão acumulando cada vez mais, os roubos e as patifarias dos senhorios, juntos à cumplicidade infame de muitos inquilinos, hão de fatalmente conduzir a um desfecho sangrento, porque não se desfez a tempo a tempestade de ódios, que vai tomando proporções assustadoras. Tudo parece favorecer o ambiente para a eclosão duma tremenda guerra civil, em que os roubados e escoreados se lançarão à caça dos ladrões e escoreadores.

Porque é preciso contar que onde se tem feito uma sementeira de cardos não poderá surgir uma seara de louras espigas de trigo. O que será mais certo é surgir uma grande espiga para os senhorios gananciosos e para os inquilinos sem carácter, que serão atingidos pelo mesmo azorrague justiceiro.

NA ALEMANHA

Como será constituído o novo governo

BERLIM, 16.—E' creença geral a formação de um gabinete compreendendo democratas, cristãos, o partido popular bávaro e grupo camponês. Os sociais democratas não farão opposição de princípio e o partido popular manterá o gabinete.—*Rádio.*

A pneumónica

A peste também ataca os príncipes

LONDRES, 16.—Morreu em Singapura o príncipe Pitsuleke, herdeiro presuntivo do trono da Grécia, vítima da pneumónica.—*Rádio.*

Não há pão

Mas há guarda civil em barda

MADRID, 16.—Continua em Madrid escasseio do pão, o que dá lugar a longas bichas às portas das padarias, logo de madrugada, e a numerosos incidentes em que tem de intervir a guarda civil.—*Rádio.*

NÃO APOIADO!

LOCUTÓRIO DUM INSURRECTO

Entre as várias cousas curiosas criadas pela guerra europeia, uma há com que meus olhos veem particularmente embriando, tamanha é a frequência com que ela se me depara. Quero falar na abundância, na diversidade, na profusão, observável nas montras dos estabelecimentos chics, dessas bugigangas feitas de celuloide, de louça, de metal ou de pano, a que se dá o nome de «mascottes» e às quais se atribui a vir lude de tornar afortunado o possuidor. Eu enfermo de hábito, essencialmente lusitano, de parar diante das montras, e a essa circunstância devo os conhecimentos que ora possuo das tais «mascottes», pois mil e um tipos me são já familiares. Há-as com a forma de anéis, de pulseiras ou de medalhas. Contudo, a «mascotte» mais comum é um boneco, feito modernamente em celuloide, oco, pansudo, odriforme, com uma cabeça desmesurada, rósea e careca. A clientela feminina consome do artigo que é um gósto, a julgar pelas frequentes remessas que os negociantes importam, pois os famosos fetiche veem de França, tal qual como os meninos pequeninos. Da sorte que estes miríficos *porte-chance* teem trazido aos respectivos possuidores não sei eu muito; mas é seguro que os possuidores ricos continuam a enriquecer cada vez mais, enquanto os pobres cada vez mais empobrecem. Certo é, porém, que a humanidade de cada dia para dia, contral um maior número de hábitos ridículos, e este do uso de «mascottes» caracteriza bem toda a futilidade, toda a inconsciência, toda a desorientação duma época desgraçada. Os bonecos de celuloide, de cabeça desmesurada e careca... Pais vamos lá a ver se a influência protectora deles consegue furtar a burguesia à sua ruína próxima.

Prof. Carlos L. Carvalho

A lei de excepção em scena

Bem acentuávamos, nós, na devida oportunidade, que a lei scelerada, há tempos votada no parlamento, serviria à maravilha para serem perseguidas criaturas completamente estranhas à interpretação que muitos pais da pátria então lhe quizeram dar.

Com floridos de retórica, pretendiam demonstrar o detentores das cadeiras de S. Bento, a humanidade da lei e as boas intenções que presidiram à sua confecção, e assim aprovaram-na, sem se lembrarem, certamente, que amanhã poderão por ela ser atingidos, dada a forma como pretendem applicá-la, pois de contrario a repudiariam.

Senão, vejamos: Quando das últimas greves, encontrava-se acidentalmente em Lisboa o nosso camarada António Nunes Canha, de Alpiarça, que sendo pré-o por essa ocasião, foi acusado de tomar parte nos casos que se desenvolveram no largo das Duas Igrejas. O mais interessante, porém, é que todas as testemunhas que disso o accusam são de Alpiarça, não havendo uma única de Lisboa. Quer dizer: estas testemunhas, que por todos os processos pretendem que aquele nosso camarada seja, se possível fôr, até deportado para as inóspitas regiões africanas, estando nesse dia naquela localidade, accusam-no de ser um dos desordeiros em Lisboa ou o que muito bem entendem! Isto é vil, é cobardo.

O caso é que aquele nosso camarada foi entregue ao célebre tribunal de *defeza social* que a tal lei scelerada criou e por ele será julgado. E por este andar, pelas malhas dessa lei ninguém escapa. Como nos confrange o espírito lembarmo-nos que quasi todas, se não todas as criaturas que a aprovaram teem a desfaçateza de se dizerem apóstolos da liberdade!

NA BÉLGICA

Prepara-se uma aliança para manter a guerra latente

BRUXELAS, 16.—No decurso da discussão do orçamento respeitante à defesa nacional o ministro pronunciou um discurso, tendo sido aplaudido. No que respecta à redução do tempo de serviço—disse o ministro—faremos o preciso para nos entendermos com os nossos grandes aliados, a França e a Inglaterra, com os quais nós esperamos levar a efeito uma aliança militar.—*Rádio.*

Tratando com o governo

O dr. sr. Ramos Preto recebeu uma comissão de funcionários ácerca de assuntos que interessam à classe e os delegados da Confederação Geral do Trabalho que foram tratar da reabertura dos sindicatos operários.

A arte e os artistas Na Sociedade Nacional de Belas Artes

Exposição de pintura de Domingos Rebelo

Domingos Rebelo não é um pintor que satisfaça. Necessita ainda trabalhar muito e persistentemente.

No entanto reconhecemos-lhe qualidades. Apesar de não ter conseguido ainda imprimir um pouco de sol nas suas telas e de abusar sempre dos mesmos horizontes banalmente azues, manchados aqui e acolá de nuvens invariavelmente brancas, por vezes um pouco sujas, vê-se que sente melhor a paisagem do que a figura. Flando é talvez o melhor retrato; tem naturalidade, as faces bem marcadas e boa expressão. As mãos da mulher não são também mal tratadas.

Nas paisagens nota-se ausência de ar livre e sobretudo de sol. A sua tela *Barreira do sol*, possui os planos regularmente dispostos, unidade de cor local, mas o sol, que o sr. Rebelo tentava mostrar-nos com toda a intensidade, não existe. Os verdes são escuros, quasi frescos de sombras e a cor geral é sombria. *Do sol*, retrato dum rapazito, é de testável, as faces do pequeno são pintadas por aprendiz de pintor e o sol... sabemos que deve lá estar porque o catálogo no-lo indica.

Camponeses Michaelenses é razoável, mas ainda com algumas faltas graves. A cara do rapaz parece feita por um aluno principiante da Academia, os longos e tanto, scenográficos, mas de má scenografia.

As paisagens mais bem feitas, embora não constituam nada de extraordinário, são as 18 e 27. Sofrem ainda, é claro, da mesma enfermidade das outras—horizonte tipo único.

Os interiores não são nada de notável. Exceptuando um ou dois, os restantes são interiores. *Sacristia* é uma boa tela, é uma das excepções. Evidencia valores justos e planos bem achados, obtidos com uma técnica larga. *Fazenda erodida* é um interior menos mal tratado na técnica, porém, a figura não vale nada como técnica. Há falta de largueza.

Onde o sr. Rebelo mostra qualidades é no seu quadro *Os foliões*. Mas essas qualidades ainda estão pouco desenvolvidas. Examinando esta tela no seu conjunto, nota-se uma certa harmonia de composição. Vista detalhadamente, lá vamos encontrar os defeitos de sempre: falta de luz, pouca segurança, por vezes, na pincelada. As duas figuras do primeiro plano são um pouco forçadas, notando-se que estão em pose; além disso dão-nos a impressão de que são feitas em casa, devido ao seu tom sombrio e à distribuição regular de luz frouxa.

Pálido ao sol é talvez o único que corresponde às intenções do pintor; encontra-se realmente sol na porta vermelha e na parede.

Um outro trabalho expõe o sr. Domingos Rebelo, do qual poderia tirar muito mais efeito do que realmente tirou—*Antes da missa*. Este quadro é frio, não tem espirito, nada nos diz. As velhas são qualquer coisa que nós olhamos sem interesse.

O contrario sucede com *Os romeiros*. Tanto as figuras como a paisagem respiram uma certa religiosidade. A segunda figura a partir da esquerda, está abonecada, forçada. No detalhe perde muito o seu trabalho. As mãos dos romeiros são todas mal acabadas, *gauchas*, defeituosas. A paisagem pintada com as tintas quasi sem mistura, como elas veem na paleta, assim são applicadas na tela.

O sr. Domingos Rebelo teem duas qualidades excelentes e raras. Possui uma personalidade quasi definida. Uma

C. G. T.

A reunião de ontem do Conselho Confederal

O Conselho Confederal, em sua reunião de ontem, prosseguiu na discussão do relatório do Comité. Antes da ordem, foram feitas várias comunicações ao Conselho, sendo uma delas a do delegado Carlos de Araújo, que no domingo fôra enviado a Évora, como delegado da C. G. T., a tomar parte no comício que, promovido pela União dos Sindicatos Operários daquela cidade, ali se effectou no mesmo dia. O Conselho, ouvido a a exposição do referido delegado, deliberou que o Conselho Jurídico nomeie dois representantes para acompanhar em junto do sr. presidente da República a comissão que, naquele comício foi incumbida de entregar ao chefe do Estado a moção aprovada na mesma reunião pública.

O Conselho occupou-se depois da parte do relatório do Comité que trata dos sindicatos nacionais, discussão que occorreu toda a sessão, tendo usado da palavra, além do secretário geral, os delegados Carlos de Araújo, Francisco Viana, Joaquim Francisco, Alexandre Vieira, Joaquim de Sousa, Carlos Freire, Alexandre dos Santos, Júlio de Matos, e Abel Pereira, tendo-se manifestado, durante a discussão, que foi animadíssima, duas correntes: uma que entende que os sindicatos dos operários dos Arsenais foram considerados nacionais pelo Congresso de Coimbra, e defen-

técnica sua ainda que hesitante nos seus trabalhos, no entanto, bem sua, o que muitos pintores de nome fêto ainda não alcançaram. A maior dificuldade do artista está muitas vezes em encontrar a sua própria maneira de sentir, sem se deixar arrastar pela pintura estranha. Da pintura alheia apenas devemos aproveitar aquilo que se liga com o nosso temperamento; nada de tentar imitar a maneira de sentir dos outros. O sr. Rebelo conseguiu encontrar-se, e é já muito. Resta-lhe aperfeiçoar essa sua maneira de sentir.

Esta exposição mostra que o expositor tem uma cor sua que não é fácil confundir com a dos outros; uma pincelada, igualmente sua, fraca muitas vezes, mas distinta, única.

A outra qualidade é aquela que vale mais—é honestidade. Não vimos por lá fotografias coloridas, nem tampouco o retrato de madame X, com que os Dantas da pintura conseguiram alcançar triunfos. Os seus retratos são inferiores, é certo, mas honrados, tirados directamente do povo. Por isso a sua exposição oferece o interesse que muitas outras não teem, quando apresentam sempre os mesmos estofos do salão do sr. tal, o vestido de mademoiselle B., a secretária do sr. R., os formosos bebés, filhos do meu ex. amigo P. e outras banalidades sem interesse emotivo, sem sentimento, sem coisa alguma que valha a pena admirar.

Não, o sr. Rebelo não nos apresenta as meninas línticas de saltos altos que a moda dita. Apresenta-nos camponeses, mulheres do povo, casas do povo, da região, da aldeia, que não são uma questão poética da moda, mas sim os hábitos cimentados tradicionalmente através das gerações, sofrendo apenas as modificações que a época, a evolução impõem. Em vez da palha da Futlana de tal, desloca de amante, pinta *Os romeiros*, que apesar não terem sido imortalizados pelo seu génio, porque o não teem, ali estão como documento real das crenças populares em determinada época.

Trilhe o sr. Rebelo esse caminho: sobriedade, honradez. Aproxime-se mais e mais do povo; não o leve à tela, apenas por motivo decorativo. Escreva-lhe também os sentimentos, as aspirações, os sofrimentos, as dores, as alegrias, as passagens e infantis, viva com ele e verá então que o assunto é inexgotável. Aproveite-lhe as frases filosóficas—porque o povo as tem—o ditado ou o ríflao que applica tanto a tempo nas situações várias do viver e verá que cada frase é um quadro, cada palavra uma minúcia artística.

Deixe, sr. Rebelo, os outros pintar as botas dos *snoobs*, sempre iguais e sem originalidade; as cigarretes de ponta dourada, e os gestos, imitação dos outros. Se os quiser pintar mostre-lhes que são ridículos, absolutamente contrários à natureza, com a sua filosofia de algeibre. Coloque-os com os seus colarinhos, e fatos de linhas monótonas, entre a saloia das de colorido alegre e franco falar e verá, sr. Rebelo, como tudo neles é falso ao tomar contacto com a verdade eterna do povo.

O sr. Rebelo trilha bom caminho. Está no princípio da estrada que o pode levar ao triunfo autêntico, triunfo que não necessita de artigos elogiativos e mediocres, mas está na verdadeira estrada.

M. D.

dendo, consequentemente, este critério, a outra sustentando opinião oposta. A discussão prossegue na reunião de amanhã, tendo ficado inscritos os delegados Carlos Vicente, Carlos de Araújo, Joaquim Francisco, Perfeito de Carvalho, João Pedro dos Santos e Manuel Joaquim de Sousa.

Passeio de confraternização operária a Oeiras

Promovido pelo Grupo Dramático e Musical Solidarieidade da Construção Civil, effectua-se no dia 8 de Agosto próximo, um passeio de confraternização operária a Oeiras, reinando entre o proleariado daquela localidade grande entusiasmo para receber os seus camaradas de Lisboa.

Os bilhetes para o dito passeio teem tido enorme procura e os que restam encontram-se à venda nas sedes do Sindicato Unico da Construção Civil e redacção de *A Batalha*, calçada do Combro, 38-A, 2.º, no Grupo Dramático e Musical Solidarieidade da Construção Civil, rua do Sol a Santa Catarina, 40, loja, e nas sedes dos demais sindicatos onde estão placards anunciando o passeio.

O produto líquido do passeio será repartido em partes iguais para *A Batalha* e para o grupo promotor do passeio. Os camaradas que se queiram associar a tam imponente festa, devem procurar imediatamente os bilhetes, cujo preço é de 1\$50, podendo ser feito o seu pagamento em coias semanais de 25 centavos. A comissão de Lisboa está trabalhando, juntamente com a comissão de Oeiras na confecção do programa e que brevemente daremos publicidade e que pela forma como está sendo elaborada fará sensação.

CONTOS DE «A BATALHA»

AMOR DE PAI

O coronel passeava agitado pelo quarto. Invadia-o uma vaga inquietude, um certo mal estar profundo impeli-o ao movimento para distrair o espírito, inconsciente às fadigas do corpo ocasionadas por uma extensa e penosa marcha.

—O dever militar!... Duro e inhumano dever que o obrigava a lutar contra seu próprio filho. Não o faziam arredar pé os combates, não receava a morte; mas tremia ao pensar que em qualquer acidente furtivo daquela guerra, poderia encontrar-se frente a frente com o seu único filho, em quem resumia todas as suas esperanças e afecções.

No seu nobre peito de militar cheio de pendor, uma rude batalha travava o amor paternal e o dever que lhe exigia a pátria. O primeiro dizia-lhe que não devia tomar parte numa guerra que podia armar o seu braço contra o seu próprio filho; o segundo recordava-lhe o juramento prestado à sua bandeira e exigia-lhe o sacrifício da sua própria vida, em defesa da pátria que estava obrigado a defender pelo duplo vínculo da sua carreira militar e dos seus sentimentos patrióticos. Como resolver o conflito sem ferir o amor ou o dever?

A aparição dum oficial, que respeitavelmente se deteve, saudando militarmente, no umbral da porta, interrompeu o agitado passeio e as mais agitadas reflexões do coronel Ferrandiz.

—«Há alguma coisa de novo, tenente Cabral?» — perguntou ele.

—«Sim, meu coronel. A nossa guarnição traz vários prisioneiros, entre eles um capitão».

—«Bem, bem; já falaremos nisso; deixo-me tranqüilo agora».

—«E' que... insinuou vacilante Cabral».

—«Que?.. Acaba».

—«O capitão insurreto solicita falar consigo».

O coronel ficou um momento pensativo e depois ordenou brevemente:

—«Que entre».

Com os olhos fixos na porta, ficou esperando, com o coração palpitante e o cérebro perturbado por um horrível pressentimento. Não tardou a aparecer o tenente, com dois soldados armados que conduziam o preso.

Ferrandiz teve que apoiar-se na mesa para não cair. Tinha diante de si seu próprio filho.

Com um gesto, ordenou aos soldados e ao tenente que saíssem. Depois exclamou:

—«E's tu, Carlos, não me enganas os meus olhos».

—«Sou eu, meu pai!..» — contestou olhando-o com amor filial.

—«O momento terrível tão temido por mim, chegou. Ainda bem — prosseguiu sorrindo tristemente, — que nos encontra sem armas nas mãos».

—«A arma que a minha mão empunhasse jamais se voltaria contra ti».

—«Por que não?» — contestou com amargo tom — «não sou teu inimigo?»

Camara Municipal de Lisboa

Escola «Luz Soriano»

A comissão executiva da Câmara vai oficializar o nome do ministro da instrução comunicando-lhe ter resolvido reaver a posse da Escola «Luz Soriano», logo que termine o ano lectivo, visto tratar-se de um legado feito pelo falecido historiador, dr. Simão José da Luz Soriano, e aliviar que os professores da referida escola que actualmente vem sendo ordenados superiores aos que comporta o legado, para não serem prejudicados, passem para outras escolas oficiais. O legado foi de 8 contos além do edificio onde está a escola.

Sessões extraordinárias

Foi resolvido incluir nos assuntos dados para as presentes sessões extraordinárias mais os seguintes: aumento das rendas das lojas do Mercado da Praça da Figueira; concessão de prêmio pecuniário à Sociedade Hípica Portuguesa; remodelação das taxas de afilamento; modificação das taxas nos serviços dos Matadourinhos; concessão de um subsídio para compra de viaturas para a Sociedade Protectora dos Animais; contas da gerência de 1919; equiparação de vencimento ao pessoal técnico jornalístico do Município; aumento de salários aos operários municipais; melhoria do vencimento aos administradores dos quatro bairros; melhoria de situação aos calceiros; abono de salário dos dias da greve ao pessoal da construção civil e metalúrgico; aumento de salário aos operários metalúrgicos da câmara; reclamação de Artur Cesar Pereira contra a promoção a 2.º official de José Belo Baptista; concessão de subsídio à cooperativa do pessoal do município e aumento de vencimento ao empregado José Nunes.

Exames de 5.ª e 7.ª classes

Deve ser hoje publicada na folha oficial a lista dos presidentes dos jurys de exames de saída do curso geral e complementar dos liceus (5.ª e 7.ª classes).

Irregularidades na Caixa Geral de Depósitos

A propósito de irregularidades cometidas naquele estabelecimento do Estado, recebemos mais a seguinte carta:

Sr. Redactor. — Produzindo a notícia inserida em A Batalha, sobre a Caixa Geral de Depósitos, justificado espanto de se passarem tais factos num estabelecimento dessa importância, necessário se torna informar o público.

Vem tudo da autonomia da lei 4.670, do tempo de Sidónio Pais, e que temido o poder ao liberalissimo sr. Daniel Rodrigues para todas as arbitrariedades. E' assim que, embora a autonomia mande fixar o quadro, a Administração teima em não prover a cerca de 50 vagas do quadro para ter os empregados completamente à sua mercê. Tem esta situação sido objecto de vários pedidos. Nada. As promessas formais, feitas pelo Conselho a algumas comissões, de que os empregados contratados tem os mesmos direitos e realgalias materiais que os do quadro, não tem sido cumpridas pelo mesmo Conselho; e, para prova, veja-se a já célebre questão da ajuda de custo de vida. Ora, em meu entender, quem promete e falta não tem caracter. E', portanto, o que se dá na Caixa Geral de Depósitos.

Um estabelecimento do Estado desta importância não pode estar nas mãos de cinco criaturas incompetentes e exploradoras. Com a autonomia, a actual Administração faz da Caixa uma roça, isto não parece de portugueses e em nome do Estado a dirigir portugueses, mas brancos a mandar pretos.

Há depois um grosso escândalo dos vencimentos da Administração, em absoluto desprezo da lei 888, de 8-9-1919. Ela não permite que um funcionário receba mais de 4.500\$000, incluindo todos os emolumentos. Estes privilegiados administradores, que tem a categoria de directores gerais, recebem:

Vencimento liquido, 2.400\$000; participação de lucros, cerca de 1.400\$000 por quadrimestre, 4.200\$000; subvenção dos 15\$000, 180\$000; ajuda de custo de vida, 480\$000. Total, 7.260\$000.

Não lhes falta a ajuda de custo; mas o pessoal contratado, que tem uma categoria e os mesmos deveres que o pessoal do quadro, não tem direito a ajuda de custo, diz o preclaro sr. Daniel Rodrigues, acolitado pelos magnânicos colegas.

Com respeito ao escândalo da situação do dr. Augusto de Castro (o que é director do Diário de Notícias) não tem senão a confirmar a última informação. Sua ex.ª disfruta uma situação de excepção favor, nunca prestando serviço mas não deixando de receber todos os vencimentos. São 160 escudos de categoria, 20 de gratificação e 40 de ajuda de custo. Total, 220 escudos. Mas ainda há mais e, se não é pior, é da mesma força. Porém, como o espaço escasseia, continuarei no próximo numero. — Um funcionário lesado.

A União Fabril falsificadora

O «honrado» comércio, benemérito e patriótico, continua a «sacrificar-se» pelo povo...

Os fiscaes Manuel Pedro da Cruz, Raul Augusto Pinheiro, Felipe Alves, Raul Pinto e Júlio Cesar Valente, tinham recebido já há tempo ordem do ministério da agricultura para proceder a rigorosas investigações nos estabelecimentos de certos comerciantes de azeite que, segundo constava, falsificavam o azeite, diminuindo-lhe a acidez, a fim de o darem por impróprio para consumo e vendê-lo a 1\$30 em vez de 1\$70. Conseguiram os referidos agentes saber que em Alferrarede, na fábrica da Companhia União Fabril, se alterava, por processo químico, a acidez do azeite.

Em resultado duma busca rigorosa já fizeram, encontraram amostras de um produto, classificado de «adubo para oliveira», vindo a apurar, depois de analisar o tal adubo, que este não passava de um agente químico para adulterar o azeite.

O director interino da fábrica, José Campos Patronilho, foi encarcerado imediatamente na cadeia de Abrantes e à Companhia União Fabril foram apreendidos 653.973 litros de azeite, no valor de 850.164 escudos, e 42.500 quilos do tal azeite químico. O preso vai ser julgado em Abrantes. Consta que o juiz e o delegado daquela comarca vão pedir uma licença, ficando assim o processo immobilizado por falta de magistrados!

E' assim que as honradas e patrióticas Companhias procedem — roubando e falsificando os produtos — o que não impede que aconselhem sacrificios e ordens ao mesmo povo que lhes enche as burras.

Não há de ser nada, porque o amigo do povo Alfredo da Silva saberá atabafar o caso.

Trabalhadores: Lede e propagai a BATALHA.

UMA CARTA

FALA UM RETALHISTA

A carta que abaixo publicamos foi-nos enviada por um comerciante retalhista que se diz vítima também da actual sociedade. Manda a nossa lealdade que a publiquemos.

E' natural que o signatário desta carta seja, como diz, um oprimido pelos grandes senhores do comércio e da finança. Não contestamos que efectivamente este senhor, que se proclama simpatisante com as nossas ideias, tenha sofrido os seus dissabores em virtude de se encontrar entre duas forças que tendem a esmagá-lo: o povo que, com inteira justiça, lhe exige o género mais barato, e o grande comerciante, que lhe impinge géneros por preço tam alto que não lhe dê margem para auferir lucros, vendendo-os ao preço da tabela. O que, porém, podemos afirmar é que o sr. António de Oliveira constitui uma verdadeira excepção, e que a maioria dos membros que constituem a maioria dos retalhistas não tem os escrúpulos que o sr. Oliveira diz ter.

Se também o sr. Oliveira espera, bem como a sua classe, nada perder com a transformação da sociedade, nós cremos que pelo contrário tudo terão a perder não só os honrados como o sr. António de Oliveira, como os outros. Porque a immoralidade do comércio a retalho não está unicamente em roubar de mais, mas porque essa profissão, absolutamente inútil, dá sempre margem a que o honrado se converta em galuno. A parte moral da transformação social é exactamente purificar o ambiente de maneira a haver o menor numero de probabilidades do homem se perverter.

O'ptimo seria, pois, que o sr. Oliveira abandonasse essa profissão, que é inútil, como reconhece, trocando-a por outra mais útil. Exercendo uma profissão útil, a sua consciência devia sentir-se mais à vontade. Porque não experimentou ainda?

Segue a carta, que achamos interessante:

Sr. redactor. — Publica hoje a nossa querida Batalha uma nota dimanada da Arcada, em que diz que os retalhistas espalham o boato de que o azeite vai passar a 1\$20 e 1\$50 e que vendem arroz a 1\$10 cada quilo. Os retalhistas, sr. redactor, já estão acostumados a ser o bode expiatório da crise das subsistências, e essa nota é mais um labem infame, venenoso, lançado sobre uma classe — da qual eu infelizmente faço parte — para desorientar os fanflos dos seus verdadeiros sugadores. Pela parte que me toca sr. redactor, como o posso provar com o testemunho de camaradas nossos — camaradas na ideia, porque o não sou no trabalho — nunca defendi a elevação dos preços dos géneros, mas sim o contrário e sempre tenho feito ver, mas com dados, que a situação do operariado é desesperada em face do constante custo da vida.

Eu encontro-me neste mister porque outro não me ensinaram; eu fui caixeiro, hoje sou um modesto retalhista de viveres. E' esta a minha profissão, da qual deixo tirar os proveitos para eu viver e os meus. Natural é que eu me defenda, e consequentemente a minha classe e nesse sentido é que eu afirmo que os retalhistas não desejam a elevação dos preços, não são contrários às tabelas, desejam-nas até, mas com a condição de os géneros nos serem fornecidos por preços por que os possamos vender à tabela. Desejam mais os retalhistas ser tratados perante a lei com a igualdade com que são tratadas as mais corporações que vendem a retalho.

Portanto, os boatos, mas fundamentados, que os retalhistas podem propagar, é que as cooperativas, instituições cujo principal fim para que são organizadas é a concorrência ao retalhista na venda por baixo preço, lhes é permitido vender azeite a 1\$30, arroz a \$90, manteiga a 3\$80, feijão a \$48, etc. Isto não é admissível nem tolerável; é lei e, portanto, que todos cumpram. Há cooperativas, e algumas até que se podem considerar oficiais, que não pagam renda de casa, nem contribuições, tem a maioria do pessoal, animais, veículos, grátis. Porque principio é permitido que estas vendam por todo o preço, e aos retalhistas, que pagam renda de casa, contribuições e mil e uma alcavalas, isso não lhes é permitido...?

Desta desigualdade resulta que podendo as Cooperativas vender mais caro, podem também comprar mais caro, e que tendo o produtor ou intermediário quem lhes compre por maior preço, não vende por menor preço ao retalhista. Consequentemente, o retalhista não tem o artigo porque o não encontra para vender à tabela, tendo o público, para adquirir o artigo, de comprá-lo mais caro na cooperativa, se é sócio, ou por intermédio deste, se por acaso o não é.

Ainda há pouco tempo a minha classe na sua quasi totalidade, acatou um decreto do Ministério da Agricultura, com que bastante foi lesada, pois que vendem artigos por menos um terço do seu custo.

E la acatou esse decreto e de bom grado, confiada na palavra do sr. ministro da agricultura, que nos garantiu o abastecimento de futuro e sempre com uma margem de lucros de dez por cento, que é o que tem sido a nossa aspiração. Mas que grande desilusão!... Enquanto duraram as nossas pequenas existências houve abastecimento. Mas agora?... Agora só em casa dos grandes. E como os grandes não se mordem, al está a razão porque o governo não faz nada com eles.

Por acaso ter-se-ia sumido o azeite neste país e o arroz, o feijão, a manteiga, etc...?

Não. Então onde estão, visto que não aparecem à venda? Não estão em poder dos retalhistas mas sim dos intermediários, à espera de altos preços, pois que os governos não usam para com estes meneurs os meios violentos que costumam usar para com os retalhistas e classes operárias.

Esta já vai longa. Vou terminar, lamentando que a minha classe, que trabalha — não numa função tão útil como as classes operárias — siga os políticos e não marque o seu lugar ao lado de todas as outras classes exploradas, da qual de transformação da actual sociedade ela nada tem a perder. Espero, sr. redactor, dever-lhe a fineza da publicação desta na integra. 15-VI-920. — De v., etc. António de Oliveira.

A carestia da vida

Lá fora desce, cá continua a subir

PARIS, 16. — No Havre, o mercado de matérias primas permanece fraco notando-se um ligeiro movimento de subida nos algodões: as cotações conservam-se a 200 francos, abaixo dos maiores preços atingidos no começo do ano. O mercado continua a ser dominado pelas influências externas, sobretudo as americanas; no mercado a retalho ainda se não manifestou baixa de preços.

Em toda a região do sudoeste a baixa é geral. A baixa da carne, nas feiras e mercados, assumiu tais proporções, que permite aos retalhistas beneficiar a sua clientela. Nos animais de estábulo a mesma descida; em Poitiers atingiu 400 0/0. A baixa também é sensível nos mercados de vinhos. — R.

Hospitalização mais cara

Em consequência do aumento do custo dos géneros alimentícios e dos medicamentos, foram alterados de 1920 para 1950, de 1900 para 1920 e de 605 para 1900, as diárias estabelecidas para hospitalização de doentes no Hospital de Santo Isidoro, das Caldas da Rainha.

Estradas, estradas!

A junta de freguesia de Sarzedo, concelho da Covilhã, pediu a intervenção do presidente do ministério no sentido de que seja dotada a estrada municipal de ligação da mesma freguesia com Teixoso.

Saidas

Vapor português «Jonas Rim», para Anvers; vapor americano «Oshkosh», para Porto; chalupa francesa «Rubis», para Casa Branca.

VIDA CADA E DIFÍCIL

Distribuição de açúcar

A junta de freguesia de S. Mamede, começa hoje a distribuir açúcar aos seus paróquianos, mediante a apresentação do último recibo da renda da casa, devendo indicar no verso de cada recibo o número de pessoas a seu cargo. A venda inicia-se às 13 horas e continua nos dias seguintes.

O contrabando de gado

Informam-nos que a guarda fiscal effectuou as seguintes apreensões: Na área da 4.ª companhia, 16 cabeças de gado bovino no valor de 4.700\$; 86 de lanigero no de 1.200\$; na área da 5.ª companhia, 27 cabeças de gado vacum no valor de 5.850\$, 6 de suíno no de 350\$ e 17 de lanigero no de 210\$; na área da 6.ª companhia, 218 cabeças de gado lanigero no de 3.067\$ e 7 de vacum no de 2.800\$; na secção de Mourão 218 cabeças de gado lanigero no valor de 2.000\$; em Évora 289 cabeças de gado caprino e lanigero, no valor de 2.117\$, 12 de suíno no de 84\$; na Mina de S. Domingos, 170 cabeças de gado caprino e lanigero no valor de 900\$; em Alcoutim 86 caprinos no valor de 576\$, em Vila Real de Santo António, 11 caprinos e 15 suínos, no valor de 260\$ e 20 ovinos no de 290\$; em Elvas 75 ovinos e 5 caprinos no valor de 540\$ e 15 suínos no de 45\$ e em Pênamacor, 2 cabeças de gado bovino no valor de 400\$.

Quanto não terá passado sem que a gente o saiba?

CONFERENCIAS

No Grémio Técnico Português. — No próximo domingo, 20 do corrente, pelas 15 horas, deverá o sócio deste Grémio sr. Amílcar de Sousa al efectuar uma conferência sobre o abastecimento de futuro e sempre com uma margem de lucros de dez por cento, que é o que tem sido a nossa aspiração. Mas que grande desilusão!... Enquanto duraram as nossas pequenas existências houve abastecimento. Mas agora?... Agora só em casa dos grandes. E como os grandes não se mordem, al está a razão porque o governo não faz nada com eles.

Por acaso ter-se-ia sumido o azeite neste país e o arroz, o feijão, a manteiga, etc...?

Não. Então onde estão, visto que não aparecem à venda? Não estão em poder dos retalhistas mas sim dos intermediários, à espera de altos preços, pois que os governos não usam para com estes meneurs os meios violentos que costumam usar para com os retalhistas e classes operárias.

Esta já vai longa. Vou terminar, lamentando que a minha classe, que trabalha — não numa função tão útil como as classes operárias — siga os políticos e não marque o seu lugar ao lado de todas as outras classes exploradas, da qual de transformação da actual sociedade ela nada tem a perder. Espero, sr. redactor, dever-lhe a fineza da publicação desta na integra. 15-VI-920. — De v., etc. António de Oliveira.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

A Xabreguense. — Para leitura do estatuto da Federação das Cooperativas e para eleição dos cargos vagos, reúne hoje a assembleia geral, às 10 horas.

A Comuna. — Reúne hoje, pelas 21 horas, em assembleia geral, para apresentação do relatório de contas do ano de 1919, e outros trabalhos de grande interesse. Fe. esse a comparencia de todos os sócios.

Viação perigosa

Ontem à tarde quando passava pelo largo do Camões ficou alarmado ao ouvir umas detonações, que depois se viu a subir que se tratava duns tiros disparados pela polícia e por soldados da Guarda Republicana contra o automóvel n.º 4093, que pouco antes tinha arrojado, no referido largo, uma pobre mulher que ali passava, de nome Maria Amália, de 64 anos, moradora na Calçada da Tapada, 28, 1.º que teve de ser conduzida num automóvel da Cruz Vermelha ao hospital de S. José, onde recebeu curativo duns ferimentos na cabeça.

O automóvel que não foi atingido desapareceu como por encanto.

Rendimentos dos operários

Na enfermaria de Sousa Martins, do hospital de S. José, deu entrada Agostinho, de 30 anos, servente de pedreiro e residente na rua Particular, letra A, que, numa obra na Avenida Duque de Loulé, caiu dum andaime, ficando ferido na cara e contuso pelo corpo.

MOVIMENTO MARÍTIMO

Entradas em 16

Vapor americano «Oshkosh», de Norfolk, vapor inglês «Andorinha», de Liverpool, vapor português «Quelimane», de Lourenço Marques; vapor holandês «Tosaro», de Rotterdam.

Saidas

Vapor português «Jonas Rim», para Anvers; vapor americano «Oshkosh», para Porto; chalupa francesa «Rubis», para Casa Branca.

VIDA CADA E DIFÍCIL

Distribuição de açúcar

A junta de freguesia de S. Mamede, começa hoje a distribuir açúcar aos seus paróquianos, mediante a apresentação do último recibo da renda da casa, devendo indicar no verso de cada recibo o número de pessoas a seu cargo. A venda inicia-se às 13 horas e continua nos dias seguintes.

O contrabando de gado

Informam-nos que a guarda fiscal effectuou as seguintes apreensões: Na área da 4.ª companhia, 16 cabeças de gado bovino no valor de 4.700\$; 86 de lanigero no de 1.200\$; na área da 5.ª companhia, 27 cabeças de gado vacum no valor de 5.850\$, 6 de suíno no de 350\$ e 17 de lanigero no de 210\$; na área da 6.ª companhia, 218 cabeças de gado lanigero no de 3.067\$ e 7 de vacum no de 2.800\$; na secção de Mourão 218 cabeças de gado lanigero no valor de 2.000\$; em Évora 289 cabeças de gado caprino e lanigero, no valor de 2.117\$, 12 de suíno no de 84\$; na Mina de S. Domingos, 170 cabeças de gado caprino e lanigero no valor de 900\$; em Alcoutim 86 caprinos no valor de 576\$, em Vila Real de Santo António, 11 caprinos e 15 suínos, no valor de 260\$ e 20 ovinos no de 290\$; em Elvas 75 ovinos e 5 caprinos no valor de 540\$ e 15 suínos no de 45\$ e em Pênamacor, 2 cabeças de gado bovino no valor de 400\$.

Quanto não terá passado sem que a gente o saiba?

CONFERENCIAS

No Grémio Técnico Português. — No próximo domingo, 20 do corrente, pelas 15 horas, deverá o sócio deste Grémio sr. Amílcar de Sousa al efectuar uma conferência sobre o abastecimento de futuro e sempre com uma margem de lucros de dez por cento, que é o que tem sido a nossa aspiração. Mas que grande desilusão!... Enquanto duraram as nossas pequenas existências houve abastecimento. Mas agora?... Agora só em casa dos grandes. E como os grandes não se mordem, al está a razão porque o governo não faz nada com eles.

Por acaso ter-se-ia sumido o azeite neste país e o arroz, o feijão, a manteiga, etc...?

Não. Então onde estão, visto que não aparecem à venda? Não estão em poder dos retalhistas mas sim dos intermediários, à espera de altos preços, pois que os governos não usam para com estes meneurs os meios violentos que costumam usar para com os retalhistas e classes operárias.

Esta já vai longa. Vou terminar, lamentando que a minha classe, que trabalha — não numa função tão útil como as classes operárias — siga os políticos e não marque o seu lugar ao lado de todas as outras classes exploradas, da qual de transformação da actual sociedade ela nada tem a perder. Espero, sr. redactor, dever-lhe a fineza da publicação desta na integra. 15-VI-920. — De v., etc. António de Oliveira.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

A Xabreguense. — Para leitura do estatuto da Federação das Cooperativas e para eleição dos cargos vagos, reúne hoje a assembleia geral, às 10 horas.

A Comuna. — Reúne hoje, pelas 21 horas, em assembleia geral, para apresentação do relatório de contas do ano de 1919, e outros trabalhos de grande interesse. Fe. esse a comparencia de todos os sócios.

Viação perigosa

Ontem à tarde quando passava pelo largo do Camões ficou alarmado ao ouvir umas detonações, que depois se viu a subir que se tratava duns tiros disparados pela polícia e por soldados da Guarda Republicana contra o automóvel n.º 4093, que pouco antes tinha arrojado, no referido largo, uma pobre mulher que ali passava, de nome Maria Amália, de 64 anos, moradora na Calçada da Tapada, 28, 1.º que teve de ser conduzida num automóvel da Cruz Vermelha ao hospital de S. José, onde recebeu curativo duns ferimentos na cabeça.

O automóvel que não foi atingido desapareceu como por encanto.

Rendimentos dos operários

Na enfermaria de Sousa Martins, do hospital de S. José, deu entrada Agostinho, de 30 anos, servente de pedreiro e residente na rua Particular, letra A, que, numa obra na Avenida Duque de Loulé, caiu dum andaime, ficando ferido na cara e contuso pelo corpo.

MOVIMENTO MARÍTIMO

Entradas em 16

Vapor americano «Oshkosh», de Norfolk, vapor inglês «Andorinha», de Liverpool, vapor português «Quelimane», de Lourenço Marques; vapor holandês «Tosaro», de Rotterdam.

Saidas

Vapor português «Jonas Rim», para Anvers; vapor americano «Oshkosh», para Porto; chalupa francesa «Rubis», para Casa Branca.

INVENTOS SINDICALISTAS

Núcleo de Vila Nova de Gaia. — Em assembleia geral, reuniu o núcleo da J. S. de Gaia, para tratar de diversos assuntos de importância.

No expediente foi lido um officio do Núcleo central de Lisboa, notificando o processo de abertura por parte do Conselho Administrativo do S. U. M. de Lisboa para com a U. J. S. P. Resolvido protestar contra essa comissão, editou também vários officios, entre os quais um da U. J. S. P. participando a realização do congresso de jovens, sendo resolvido fazer-se representar. Foi criada a comissão de solidariedade, anexa à U. J. S. P., e criado ta-bém um grupo dramático, para abrilhantar festas promovidas por este núcleo.

Foi presente a seguinte moção, que foi aprovada por unanimidade:

«A assembleia geral do Núcleo da J. S. de Gaia, tendo conhecimento do julgamento do S. U. M. de Lisboa para com a U. J. S. P. Resolvido protestar contra essa comissão, editou também vários officios, entre os quais um da U. J. S. P. participando a realização do congresso de jovens, sendo resolvido fazer-se representar. Foi criada a comissão de solidariedade, anexa à U. J. S. P., e criado ta-bém um grupo dramático, para abrilhantar festas promovidas por este núcleo».

Foi presente a seguinte moção, que foi aprovada por unanimidade:

«A assembleia geral do Núcleo da J. S. de Gaia, tendo conhecimento do julgamento do S. U. M. de Lisboa para com a U. J. S. P. Resolvido protestar contra essa comissão, editou também vários officios, entre os quais um da U. J. S. P. participando a realização do congresso de jovens, sendo resolvido fazer-se representar. Foi criada a comissão de solidariedade, anexa à U. J. S. P., e criado ta-bém um grupo dramático, para abrilhantar festas promovidas por este núcleo».

Foi presente a seguinte moção, que foi aprovada por unanimidade:

«A assembleia geral do Núcleo da J. S. de Gaia, tendo conhecimento do julgamento do S. U. M. de Lisboa para com a U. J. S. P. Resolvido protestar contra essa comissão, editou também vários officios, entre os quais um da U. J. S. P. participando a realização do congresso de jovens, sendo resolvido fazer-se representar. Foi criada a comissão de solidariedade, anexa à U. J. S. P., e criado ta-bém um grupo dramático, para abrilhantar festas promovidas por este núcleo».

Foi presente a seguinte moção, que foi aprovada por unanimidade:

«A assembleia geral do Núcleo da J. S. de Gaia, tendo conhecimento do julgamento do S. U. M. de Lisboa para com a U. J. S. P. Resolvido protestar contra essa comissão, editou também vários officios, entre os quais um da U. J. S. P. participando a realização do congresso de jovens, sendo resolvido fazer-se representar. Foi criada a comissão de solidariedade, anexa à U. J. S. P., e criado ta-bém um grupo dramático, para abrilhantar festas promovidas por este núcleo».

Foi presente a seguinte moção, que foi aprovada por unanimidade:

«A assembleia geral do Núcleo da J. S. de Gaia, tendo conhecimento do julgamento do S. U. M. de Lisboa para com a U. J. S. P. Resolvido protestar contra essa comissão, editou também vários officios, entre os quais um da U. J. S. P. participando a realização do congresso de jovens, sendo resolvido fazer-se representar. Foi criada a comissão de solidariedade, anexa à U. J. S. P., e criado ta-bém um grupo dramático, para abrilhantar festas promovidas por este núcleo».

Foi presente a seguinte moção, que foi aprovada por unanimidade:

«A assembleia geral do Núcleo da J. S. de Gaia, tendo conhecimento do julgamento do S. U. M. de Lisboa para com a U. J. S. P. Resolvido protestar contra essa comissão, editou também vários officios, entre os quais um da U. J. S. P. participando a realização do congresso de jovens, sendo resolvido fazer-se representar. Foi criada a comissão de solidariedade, anexa à U. J. S. P., e criado ta-bém um grupo dramático, para abrilhantar festas promovidas por este núcleo».

Foi presente a seguinte moção, que foi aprovada por unanimidade:

«A assembleia geral do Núcleo da J. S. de Gaia, tendo conhecimento do julgamento do S. U. M. de Lisboa para com a U. J. S. P. Resolvido protestar contra essa comissão, editou também vários officios, entre os quais um da U. J. S. P. participando a realização do congresso de jovens, sendo resolvido fazer-se representar. Foi criada a comissão de solidariedade, anexa à U. J. S. P., e criado ta-bém um grupo dramático, para abrilhantar festas promovidas por este núcleo».

Foi presente a seguinte moção, que foi aprovada por unanimidade:

«A assembleia geral do Núcleo da J. S. de Gaia, tendo conhecimento do julgamento do S. U. M. de Lisboa para com a U. J. S. P. Resolvido protestar contra essa comissão, editou também vários officios, entre os quais um da U. J. S. P. participando a realização do congresso de jovens, sendo resolvido fazer-se representar. Foi criada a comissão de solidariedade, anexa à U. J. S. P., e criado ta-bém um grupo dramático, para abrilhantar festas promovidas por este núcleo».

Foi presente a seguinte moção, que foi aprovada por unanimidade:

«A assembleia geral do Núcleo da J. S. de Gaia, tendo conhecimento do julgamento do S. U. M. de Lisboa para com a U. J. S. P. Resolvido protestar contra essa comissão, editou também vários officios, entre os quais um da U. J. S. P. participando a realização do congresso de jovens, sendo resolvido fazer-se representar. Foi criada a comissão de solidariedade, anexa à U. J. S. P., e criado ta-bém um grupo dramático, para abrilhantar festas promovidas por este núcleo».

Foi presente a seguinte moção, que foi aprovada por unanimidade:

«A assembleia geral do Núcleo da J. S. de Gaia, tendo conhecimento do julgamento do S. U. M. de Lisboa para com a U. J. S. P. Resolvido protestar contra essa comissão, editou também vários officios, entre os quais um da U. J. S. P. participando a realização do congresso de jovens, sendo resolvido fazer-se representar. Foi criada a comissão de solidariedade, anexa à U. J. S. P., e criado ta-bém um grupo dramático, para abrilhantar festas promovidas por este núcleo».

Foi presente a seguinte moção, que foi aprovada por unanimidade:

«A assembleia geral do Núcleo da J. S. de Gaia, tendo conhecimento do julgamento do S. U. M. de Lisboa para com a U. J. S. P. Resolvido protestar contra essa comissão, editou também vários officios, entre os quais um da U. J. S. P. participando a realização do congresso de jovens, sendo resolvido fazer-se representar. Foi criada a comissão de solidariedade, anexa à U. J. S. P., e criado ta-bém um grupo dramático, para abrilhantar festas promovidas por este núcleo».

Foi presente a seguinte moção, que foi aprovada por unanimidade:

«A assembleia geral do Núcleo da J. S. de Gaia, tendo conhecimento do julgamento do S. U. M. de Lisboa para com a U. J. S. P. Resolvido protestar contra essa comissão, editou também vários officios, entre os quais um da U. J. S. P. participando a realização do congresso de jovens, sendo resolvido fazer-se representar. Foi criada a comissão de solidariedade, anexa à U. J. S. P., e criado ta-bém um grupo dramático, para abrilhantar festas promovidas por este núcleo».

Foi presente a seguinte moção, que foi aprovada por unanimidade:

«A assembleia geral do Núcleo da J. S. de Gaia, tendo conhecimento do julgamento do S. U. M. de Lisboa para com a U. J. S. P. Resolvido protestar contra essa comissão, editou também vários officios, entre os quais um da U. J. S. P. participando a realização do congresso de jovens, sendo resolvido fazer-se representar. Foi criada a comissão de solidariedade, anexa à U. J. S. P., e criado ta-bém um grupo dramático, para abrilhantar festas promovidas por este núcleo».

Foi presente a seguinte moção, que foi aprovada por unanimidade:

«A assembleia geral do Núcleo da J. S. de Gaia, tendo conhecimento do julgamento do S. U. M. de Lisboa para com a U. J. S. P. Resolvido protestar contra essa comissão, editou também vários officios, entre os quais um da U. J. S. P. participando a realização do congresso de jovens, sendo resolvido fazer-se representar. Foi criada a comissão de

FERRAGENS E FERRAMENTAS

Valério, Lopes & C. L.

Telefones (central) 2778 e 3478
gramas Ferrame

Ferramental completo para todos os ofícios
Ferragens de todas as qualidades, chapas de ferro,
latão, zinco, chumbo e arames diversos.
Carros, vagonetas e todos os pertences do material
"Decauville".

22, largo de S. Julião, 23
76 Rua Nova do Almada, 1, 3 a 7
LISBOA

BANCO DE PORTUGAL

Concurso para caixeiros ajudantes.

Até ao dia 22 do corrente recebem-se na sede do Banco pedidos para admissão a este concurso de indivíduos habilitados com cursos oficiais de comércio, curso complementar das liceus ou boa prática comercial, que satisfaçam as condições patentes no Banco.

Lisboa, 11 de Junho de 1920.

Os Directores,

(a) A. J. Pereira Júnior.
(a) J. Pereira Cardoso.

**NICOLAU GOMES
CORREA**

Alfaiate-Mercador



Porte e dor dos Empregados dos Caminhos de Ferro Portugueses, do Sul e Sueste, da Caixa dos Operários da Câmara Municipal de Lisboa da Cooperativa da Fábrica de Material de Guerra. Variado sortimento de lençóis para homens e senhores, padrões da moda, preços limitados.

ALFAIATARIA Especialidade em fatos, sobretudos, capas alentejanas e casacas de senhora já confeccionados, tudo pelos figurinos da moda.

255-Rua dos Fanqueiros-255

OURO!!!

Mais barato e não se paga frete!!!

OURO

Compre na conhecida e acreditada casa Paiva & Fraga.

Ha sempre grande sortido de cordões, correntes, anéis, alfinetes e mais objectos em 2.ª mão renovados com pouco feito.

4 a 12, R. da Palma, 4 a 12

Junto a Casa das Galoias

TELEFONE 3676

Os lucros realizados pelo nosso serviço de livreria são exclusivamente aplicados a propaganda. Auxilia-se a BATALHA, adquirindo, por intermédio da nossa administração, os livros e mais publicações de que se necessite.

Organizam-se e fornecem-se projectos e ornamentos de bibliotecas populares, cooperativistas, sindicais, etc.

A administração de A Batalha, desejando contribuir para o cultivo dos trabalhadores, propõe-se facilitar-lhes os meios de se instruírem encarregando-se de fornecer todos os livros que lhe sejam pedidos e iniciando em breve a sua secção editorial.

A leitura é um dos meios de educação do operário e quanto maior for a capacidade de leitura entre as classes trabalhadoras, mais próximo estaremos de conseguir a emancipação que todos anelamos.

Por preceição que seja a sua situação económica, todo o trabalhador pode instruir-se desde que dedique a aquisição de livros e folhetos educativos, aqueles centavos que mal gasta no tabaco, na taberna e no café, e em divertimentos que o enriquecem e brutificam.

A reflexão dos nossos camaradas e amigos submetemos a circunstância de esta secção de livreria redundar em benefício de A Batalha, pois o desconto que as casas editoras fazem para a revenda, reverte a favor da nossa administração que empregará todos os esforços para atender pontualmente todos os pedidos que lhe forem feitos de livros e folhetos.

A medida que as circunstâncias permitam, publicaremos a relação daquelas obras que, em nossa opinião, possuem da orientação que deve seguir o proletariado que deseja emancipar-se da exploração capitalista.

Não esqueçamos que os livros deixados de ser explorados e tiranizados quando deixarem de ser ignorantes.

As casas e grupos editores, a administração preceição que se encarga da venda, a consagração, de todos os livros e folhetos que editem e cuja livreria possa ser recomendada por A Batalha.

FERRAGENS E FERRAMENTAS

Valério, Lopes & C. L.

Telefones (central) 2778 e 3478
gramas Ferrame

Ferramental completo para todos os ofícios
Ferragens de todas as qualidades, chapas de ferro,
latão, zinco, chumbo e arames diversos.
Carros, vagonetas e todos os pertences do material
"Decauville".

22, largo de S. Julião, 23
76 Rua Nova do Almada, 1, 3 a 7
LISBOA

PAPELARIA

Viuva de Manuel
da Costa Marques
& C. Limitada

Rua do Ouro, 36
Telefone 2.676-C.

COMPLETO SORTIDO
DE ARTIGOS PARA ES-
CRITORIO

CLINICA DENTÁRIA

BARROS MARINHAS

Extracções dentes por anestesia especial. Colocação dentes fixos e com placa.

25—Rua da Assunção—25
(Esquina da R. da Prata)

Electricidade

Instalações eléctricas de luz, campainhas, força motriz, pára-raios, telefones, elevadores, gaz e água.

Orçamentos gratis
62-A, Rua D. Estefânia, 62-B
Carlos Costa

SIFILIS

Grande descoberta de plantas para a cura da sífilis e de todas as doenças que derivam da impureza do sangue. Centenas de pessoas se tem curado. Trata-se de todas as doenças por meio de ervas. Pacote, 400, Travessa da Oliveira, 21, rez-do-chão, direito, a Estrela.

(Antigo Largo S. Roque) 27

SAPATEIRO

PRECISA-SE oficial. R. S. João da Praça, 74.

Fósforos

Ficam avisados os srs. revendedores de fósforos de que podem dirigir directamente os seus pedidos:

No norte do País, aos Revendedores Gerais:

Alves Macedo & Borges, S. res 240
67, Rua do Bom Jardim, 69—PORTO

No Sul e Ilhas Adjacentes, aos Revendedores Gerais:

Nogueira Marques & C. ta
Rua da Alfândega, 92—LISBOA

sendo os preços por caixote de 3.600 caixinhas (25 grozias):

Fósforos de enxofre 36.000 ou 501 por caixinha; ditos Amoris, 72.000 ou 502; ditos de Cera Comum, 72.000 ou 502; ditos de Cera de Luxo n.º 1 (quarto de caixote), 36.000 ou 504; ditos de Cera de Luxo n.º 2 (quarto de caixote), 27.000 ou 503 por caixinha, com o desconto legal de 100/0, seja qual for o número de grozias pedidas.

Quaisquer queixas acerca da demora da execução dos pedidos ou falta de concessão do desconto, devem ser dirigidas à Companhia Portuguesa de Fósforos, rua de S. Julião, 139—LISBOA.

SAPATEIRO

PRECISA-SE oficial. R. S. João da Praça, 74.

Fósforos

Ficam avisados os srs. revendedores de fósforos de que podem dirigir directamente os seus pedidos:

No norte do País, aos Revendedores Gerais:

Alves Macedo & Borges, S. res 240
67, Rua do Bom Jardim, 69—PORTO

No Sul e Ilhas Adjacentes, aos Revendedores Gerais:

Nogueira Marques & C. ta
Rua da Alfândega, 92—LISBOA

sendo os preços por caixote de 3.600 caixinhas (25 grozias):

Fósforos de enxofre 36.000 ou 501 por caixinha; ditos Amoris, 72.000 ou 502; ditos de Cera Comum, 72.000 ou 502; ditos de Cera de Luxo n.º 1 (quarto de caixote), 36.000 ou 504; ditos de Cera de Luxo n.º 2 (quarto de caixote), 27.000 ou 503 por caixinha, com o desconto legal de 100/0, seja qual for o número de grozias pedidas.

Quaisquer queixas acerca da demora da execução dos pedidos ou falta de concessão do desconto, devem ser dirigidas à Companhia Portuguesa de Fósforos, rua de S. Julião, 139—LISBOA.

SAPATEIRO

PRECISA-SE oficial. R. S. João da Praça, 74.

Fósforos

Ficam avisados os srs. revendedores de fósforos de que podem dirigir directamente os seus pedidos:

No norte do País, aos Revendedores Gerais:

Alves Macedo & Borges, S. res 240
67, Rua do Bom Jardim, 69—PORTO

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapelheiros
Grande sortimento em chapéus, lisos e mesclas em cores lindíssimas, formatos dos mais afamados fabricantes estrangeiros
GRANDE NOVIDADE

Chapéu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa
A SOCIAL

Armazem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS
Sede: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33
1.ª Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A
2.ª Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29
3.ª Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56. 5.ª

Fábrica de bonets
Chapéu modelo Jaurés (Exclusivo)

Chapéu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa
A SOCIAL

Armazem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS
Sede: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33
1.ª Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A
2.ª Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29
3.ª Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56. 5.ª

Fábrica de bonets
Chapéu modelo Jaurés (Exclusivo)

Chapéu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa
A SOCIAL

Armazem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS
Sede: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33
1.ª Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A
2.ª Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29
3.ª Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56. 5.ª

Fábrica de bonets
Chapéu modelo Jaurés (Exclusivo)

Chapéu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa
A SOCIAL

Armazem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS
Sede: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33
1.ª Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A
2.ª Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29
3.ª Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56. 5.ª

Fábrica de bonets
Chapéu modelo Jaurés (Exclusivo)

Chapéu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa
A SOCIAL

Armazem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS
Sede: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33
1.ª Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A
2.ª Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29
3.ª Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56. 5.ª

Fábrica de bonets
Chapéu modelo Jaurés (Exclusivo)

Chapéu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa
A SOCIAL

Armazem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS
Sede: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33
1.ª Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A
2.ª Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29
3.ª Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56. 5.ª

Fábrica de bonets
Chapéu modelo Jaurés (Exclusivo)

Chapéu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa
A SOCIAL

Armazem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS
Sede: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33
1.ª Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A
2.ª Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29
3.ª Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56. 5.ª

Fábrica de bonets
Chapéu modelo Jaurés (Exclusivo)

Chapéu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa
A SOCIAL

Armazem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS
Sede: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33
1.ª Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A
2.ª Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29
3.ª Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56. 5.ª

Fábrica de bonets
Chapéu modelo Jaurés (Exclusivo)

Chapéu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa
A SOCIAL

Armazem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS
Sede: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33
1.ª Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A
2.ª Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29
3.ª Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56. 5.ª

Fábrica de bonets
Chapéu modelo Jaurés (Exclusivo)

Chapéu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa
A SOCIAL

Armazem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS
Sede: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33
1.ª Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A
2.ª Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29
3.ª Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56. 5.ª

Fábrica de bonets
Chapéu modelo Jaurés (Exclusivo)

Chapéu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa
A SOCIAL

Armazem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS
Sede: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33
1.ª Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A
2.ª Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29
3.ª Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56. 5.ª

O BRIC-À-BRAC DE ALCANTARA

JOSÉ NICOLAU VERÍSSIMO
Rua de Alcântara, 37
SUCURSAL—Rua do Livramento, III e 113

Compra, vende e troca móveis novos e usados e toda a qualidade de artigos de mobílias completas de quarto, casa de jantar, escritório e sala. Sucatas, trapos, papel e lã, 5 0/0 de desconto aos assinantes de A Batalha.

O verdadeiro moinho "AERMOTOR"

Novo modelo americano, com engrenagem e tirantes duplos fabricados automaticamente com óleo. Este moinho extrai água a qualquer profundidade bem como na elevação; podem também ser adaptados para moinhos e para força motriz.

Pedir nosso catálogo para esclarecimento. Executam-se trabalhos de serralharia civil e mecânica, bombas e encanamentos sejam estes quais forem.

Orçamentos grátis

JUSTO, SANTOS & THIMOTEO, L.
Tr. do Rosário, 10-A (à Praça da Alegria)

Vapor "Mossamedes"

A sua saída foi adiada para dia 18 do corrente.

Vapor "Bolama"

Sairá a 25 do corrente para S. Vicente, Praia, ilhas menores de C. Verde, Bissau e Bolama.

Vapor "Africa"

Sairá em 1 de Julho para Loanda, portos do Congo com baldeação em Loanda, Lobito, Mossamedes, Cabo, Lourenço Marques, Beira, Moçambique, e para Inhambane, B. Dias, Chinde, Quelimane, Angoche, Porto Amélia, Ibo e Tunge com trashedo.

Para carga, passageiros e quaisquer esclarecimentos, dirigir-se aos escritórios da

Companhia Nacional de Navegação

Em Lisboa, Rua do Comércio, 85.

No Porto, Rua da Nova Alfândega, 34.

A CATEDRAL

Romance de arte social, original do camarada

Manuel Ribeiro

300 pags. — 1\$50

A' venda na administração de A BATALHA

JANOTAS????

Sejam económicos!!!

Como vestir bem e barato??

Só na ALFAIATARIA JANOTA. Onde se viram fatos e sobretudos ficando como novos, baratos e no rigor da moda. Especialidade em obra de cinco, variado sortido de fazendas a preços resumidos.

Acertam-se fatos a feição. Rua do Sol ao Rato, 215, loja e 3.ª andar, esquina S. João dos Bemcades. (Elétrico à porta, carro da Estrela)—Postal a S. Madalena.

Seguros Sociais Obrigatórios

Contra desastres no trabalho

Pedir as cadernetas para a inscrição obrigatória do pessoal ao CONSÓRCIO GERAL DE SEGUROS CONTRA ACIDENTES E RESPONSABILIDADE CIVIL.

LISBOA, RUA IVENS, 49 — PORTO, RUA SÁ DA BANDEIRA, 222

22

22

22

22

22

22

22

22

22

22

22

22

22